

26/06/2019

Dia de Luta não é dia de Luto ...

Annibal Coelho de Amorim

[Médico. Doutor em Saúde Pública]

Todo mundo já deve ter percebido que eu adoro as reticências, aliás as reticências, sinceramente, deveriam merecer um monumento em nosso país.

Se faltam propostas para enfrentar o desemprego que se alastra como a “nova praga” do terceiro milênio (vide o número assombroso das filas em busca de recolocação no mercado), aqueles que deveriam propor medidas objetivas de crescimento, ora usam de linguagem vazia, ora apelam para as ... Afinal, o que são reticências?

Em um tempo em que as pessoas são alfabetizadas pelas mídias digitais, ... são meros *tweets*, um espaço que pode preencher o “vazio das existências”. Em mundo cheio de incertezas e impermanências, as reticências parecem que vieram pra ficar, mas com inúmeros “efeitos colaterais”, que não podem ser remediados por pretensos astrólogos ou pela impostura dos que se pretendem entronizados. Mas, reitero que não basta preencher as lacunas se, em nosso dia a dia, deixamos de lado os fatos e nos aprofundamos na descoberta do que é verdade e o que é ... *fake*.

Zygmunt Bauman, em um livro pra lá de interessante (Globalização – As consequências humanas), adverte a todos que o fenômeno crescente da transnacionalização do capital subverteu os saberes das comunidades locais, colocando toda a força possível nas chamadas “vias informacionais”, que, em síntese, sempre representam mais do mesmo: “manda quem pode ...” (vocês conhecem o resto). Mas depois da “bonança dos poderosos” vem sempre a tempestade dos que “tem fome e tem pressa”: as ruas voltam a se encher de gente e as comunidades, ainda que enfraquecidas, se reconhecem e se organizam para dizer que a “conta não pode ser paga apenas pelos pobres” ...

Onde estão as cobranças dos multimilionários?

Porque os novos conglomerados transnacionais, que apostam “suas fichas” na circulação de criptomoedas (pela grande rede), não são taxados como especuladores?

A resposta é previsível ... Até mesmo a expertise dos analistas econômicos já começa a prenunciar indicadores que apontam para a recessão, ampliando o fosso entre aqueles que sempre tiveram e os verdadeiros pagadores de “impostos recolhidos na fonte”: os trabalhadores.

A história não perdoa e geralmente finaliza o preenchimento das reticências da forma conhecida, uma vez que toda vez que “faltam brioques e sobram ratos” o jeito é deixar de lado o luto da derrota e ir à luta ... sempre!

Foucault chama isso da estratégia do “cuidado de si”, o ato de inclinar-se ao exame das condições intrínsecas da miserabilidade e buscar alternativas de enfrentamento do *status quo*, ou seria *status quem*?

Olha que eu não estou falando do *Aedes Aegypti*, o odioso do Egito, nem tampouco fazendo propaganda “anti *stablishment*”, estou apenas tentando encontrar caminhos que superem tantas reticências que existem por aqui.

Só para citar algumas que começam a crescer entre nós: arboviroses como o dengue, a zika, o chikungunya, a febre amarela e agora o MAYARO ...

Não pensem que vou apelar para a providência divina para combater “as pragas” que se abatem sobre todos nós ...

É isso aí, elas se abatem sobre todos, podem crer ...

E a gente fica só olhando?

Enquanto a praga das ... se espalha? Lógico que não.

Dia de luta não é dia de luto. Os estudantes, professores e pais de alunos provaram isso. Até estudante de colégio militar se manifesta, porque no fundo estamos todos no fundo do poço, e, ao invés de cavar mais fundo, temos que sair dessa situação de ficar colocando ... (as) o tempo todo.

Vejo com frequência um senhor e seu filho acordados às 6 da manhã vendendo cafezinho para trabalhadores que estão no ponto de ônibus. Às 7 desmontam a barraca e, enquanto o filho pré-adolescente guarda o aparato, o pai vai para o segundo emprego, levando consigo a esperança de quem cuidou de si mesmo, um dos melhores remédios inventados contra a depressão.

Cuidar de si é um baita remédio, mas cuidar de todos é melhor ainda, mas falta distribuir esta “medicação” nas ruas, praças e esquinas, porque sem o “tratamento coletivo” adequado, estaremos condenados a esperar que aquele que está “acima de todos” (o bom DEUS, desculpem a ironia) tome a iniciativa.

Acabo de me lembrar de uma música de uma banda de Brasília (PLEBE RUDE) chamada “Até quando esperar?” Não lembram, façam uma coisa, leiam de novo essa Opinião de hoje ao som da Plebe Rude (baita nome de banda, não acham?) e deixem de preencher as ...

Procurem a música na internet, peçam aos amigos que sobraram, mas façam alguma coisa, “se mexa ô meu”, os artistas começam a despertar, até o Lobão já acordou, acreditem ... Eu tenho que parar de usar ...

Mas espero que os meus leitores reajam e escrevam para a “presidente auto indicada do Opinião”, pedindo que o Comitê Editorial solicite que todas as minhas reticências sejam imediatamente recolhidas, mas por favor, me permitam continuar usando as “minhas aspas”.

Hoje é dia de luta e não de luto, porque hoje “ainda é dia de Rock”!!! ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.